

## **Repensar o efeito de indefinidade - uma abordagem enunciativa\***

SUSANA GOMES COSTA PEREIRA  
(Escola Superior de Educação de Lisboa)  
(Grupo "Gramática e Enunciação" - Universidade Nova de Lisboa)

Na literatura especializada sobre predicção secundária, nomeadamente nos trabalhos de Carbó (1988) e de Marrafa (1985, 1993), o *efeito de indefinidade* é convocado para explicar, entre outros, o contraste entre a interpretação predicativa e restritiva do adjectivo em exemplos como (1):

- (1) a. O João bebeu o chá quente.  
b. #O João bebeu chá quente<sup>1</sup>.

No âmbito de uma abordagem enunciativa, as condições impostas ao argumento C1 da relação predicativa, isto é, ao argumento que habitualmente ocupa a posição de objecto directo, sobre o qual incide a predicção secundária, podem ser explicadas no contexto do funcionamento das operações de determinação nominal.

Assim, a análise dos valores referenciais construídos para o argumento que instancia o lugar de C1 na relação predicativa permitir-nos-á verificar que:

- a) a determinação de uma condição geral sobre a ocorrência de predicados secundários revela a inadequação da oposição entre definitude e indefinidade, uma vez que não existe uma correspondência directa entre a ocorrência de um determinante morfológico definido/indefinido e a possibilidade/impossibilidade de ocorrência de um predicado secundário;
- b) a determinação das restrições que condicionam a determinação nominal não pode deixar de ser considerada em interdependência com a determinação aspectual do enunciado, evidenciando de forma privilegiada o princípio de composicionalidade que regula toda a actividade de linguagem;

c) a descrição formal, em contextos controlados, de um conjunto heterogéneo de marcadores linguísticos de operações de determinação nominal - *um, uns, o, os, o, alguns, esse, três* - permite verificar a adequação da condição geral que regula a ocorrência de predicados secundários.

Partindo do princípio de que a actividade enunciativa visa a construção de significação, essa construção é representada como uma cadeia de sucessivas operações de localização relativamente a um pólo de referência.

Em termos específicos, a enunciação supõe a localização de uma relação predicativa - ou conteúdo proposicional - em relação a uma situação de enunciação que é definida em relação a um sujeito enunciador e a um tempo de enunciação<sup>2</sup>.

O conceito de localização está intimamente ligado ao conceito de determinação, na medida em que um objecto localizado é um objecto que ganha uma determinação, um valor referencial, que não possuía antes.

Neste sentido, determinar um nome é construir a sua existência em relação a um localizador. Nesta construção entram em jogo operações de Quantificação - associadas à construção de ocorrências - e de Qualificação - associadas à predicação de propriedades.

Partindo de uma noção predicativa - que precede a classificação em Nome, Verbo, etc. - como / ( ) ser tigre/, e localizando-a no sistema de coordenadas enunciativas, podemos construir uma ocorrência com um valor quantitativo preponderante<sup>3</sup>:

(2) Um tigre fugiu do Jardim Zoológico de Lisboa.

Em (2), a operação de extração - simbolizada pela notação Qnt (Qlt) - corresponde à atribuição de um estatuto existencial a uma ocorrência da noção. A preponderância de um valor quantitativo indica precisamente a construção de uma ocorrência, singular e situada, cuja única característica distintiva reside no facto de ter sido singularizada.

Sobre uma ocorrência extraída pode efectuar-se uma operação de identificação, de tipo anafórico, designada operação de re-identificação, ilustrada pelo enunciado em (3):

(3) O tigre (que fugiu do Zoológico) foi capturado na estação do Rossio.

Na re-identificação a preponderância de um valor qualitativo - (Qnt) Qlt - indica que se retoma uma ocorrência pré-construída numa nova relação, que corresponde frequentemente à predicação de uma propriedade.

### **Interpretação restritiva vs interpretação predicativa**

De acordo com Culioli (1987: 22), assumimos que a um marcador linguístico podem corresponder vários valores, assim como um valor pode ser representado por vários

marcadores. Desta forma podemos explicar a ambiguidade do enunciado em (4), ilustrada pelas paráfrases em (5) e (6):

- (4) O João comeu a maçã assada.  
 (5) a. O João comeu a maçã assada e não cozida.  
       b. #O João comeu a maçã assada e não a cozida.  
 (6) a. A maçã, o João comeu-a assada.  
       b. #A maçã assada, o João comeu-a.

Repare-se que em inglês não se põe este problema. Como se observa em (7a)-(7b), o adjectivo ocupa posições diferentes na frase de acordo com o seu funcionamento como predicado ou como restritor:

- (7) a. John drunk the coffee hot.  
       b. John drunk the hot coffee.

Em (4), o artigo definido *a* é marcador da operação de re-identificação (Qnt) Qlt. O valor referencial construído por esta operação indica que se trata de uma ocorrência localizada, com valor de identificação, relativamente a uma ocorrência previamente introduzida no espaço enunciativo, quer esta última constitua uma ocorrência linguística ou uma ocorrência metalinguística<sup>4</sup>.

A possibilidade de duas interpretações para o adjectivo *assada*, predicado ou restritor, indica que os valores referenciais construídos pelo artigo definido resultam de dois esquemas de derivação distintos. A opção por uma ou outra interpretação será resolvida no contexto discursivo em que é validado o enunciado.

No caso da interpretação predicativa, existe uma prévia construção da existência de uma ocorrência da noção /maçã/, sendo essa ocorrência pré-construída objecto de uma retoma anafórica, com categorização qualitativa, na enunciação em curso:

- (8) 'o João comeu uma maçã' → 'o João comeu a maçã assada'  
       i.e., 'essa maçã, comeu-a assada'

No caso da interpretação restritiva, é a construção da existência do bloco *maçã assada* que é anterior à enunciação em curso, sendo esse bloco retomado com identificação quantitativa e qualitativa. O esquema de derivação poderá construir-se a partir da predicação de existência de duas ocorrências das quais se selecciona uma, em (9a), ou, em alternativa, pode tratar-se da retoma anafórica do bloco *maçã assada*, em (9b):

- (9) a. 'existência de uma maçã cozida e de uma maçã assada' → 'o João comeu a maçã assada'  
       b. 'existência de uma maçã assada' → 'O João comeu a maçã assada'

Repare-se que a partir da construção da existência do bloco *maçã assada* é possível construir uma qualificação sobre esse bloco, i.e., uma predicação secundária:

(10) O João comeu a maçã assada estragada.

Se no enunciado em (4) se substituir o artigo definido *a*, que marca a preponderância de um valor qualitativo, pelo artigo indefinido *uma*, que constrói um valor quantitativo, indicando que a existência da ocorrência é construída na enunciação em curso, resultará uma interpretação restritiva do adjectivo:

(11) #O João comeu uma maçã assada.

Com base nos exemplos apresentados, podemos dizer que as operações de determinação que constroem o valor referencial de C1 permitem determinar a interpretação restritiva ou predicativa do adjectivo: a interpretação predicativa é permitida quando a determinação de C1 resulta de uma operação de qualificação - re-identificação - e excluída quando resulta de uma operação de quantificação - extracção.

A hipótese de interdependência entre, por um lado, o valor referencial construído pela determinação de C1 e, por outro, a possibilidade de ocorrência de um predicado secundário parece fazer sentido no âmbito da distinção entre *construção* e *especificação* de ocorrências, proposta por Paillard (1992)<sup>5</sup>.

Do ponto de vista da determinação, a relação de construção e a relação de especificação implicam duas formas distintas de delimitação de ocorrências:

- a) enquanto construção, a localização é uma operação de quantificação (Qnt). Ligada à predicação de existência, mantém uma forma de indeterminação, na medida em que o termo construído não é qualificado pela sua relação com o termo localizador;
- b) enquanto especificação, a localização é uma operação de qualificação (Qlt), uma vez que o termo localizado é determinado (qualificado) pela sua relação com o termo localizador.

Nos exemplos considerados, a ocorrência de um predicado secundário é bloqueada quando C1 está envolvido numa relação de construção. Parece, portanto, plausível considerar que nas construções com predicados secundários, existe uma primeira relação de construção entre os elementos constitutivos da relação predicativa (predicado primário e C1), e uma segunda relação de especificação entre C1 e o predicado secundário.

Entendida nestes termos, a predicação secundária é uma operação de natureza qualitativa que implica a dissociação entre a situação de enunciação onde se predica a existência de C1 e a situação de enunciação onde se efectua a predicação de uma propriedade sobre C1<sup>6</sup>.

A disjunção entre o plano de validação<sup>7</sup> da relação predicativa e o plano de validação da relação entre C1 e o predicado secundário pode ser demonstrada facilmente se se introduzir um operador de negação nos enunciados em que ocorrem predicados secundários:

- (12) a. O João não bebeu o vinho gelado.  
 b. A Maria não cortou o tomate fino.

Nos exemplos em (12) só o predicado secundário se encontra no escopo da negação. Esta não incide sobre a relação predicativa, anteriormente construída, mas sobre a relação de predicação de que o predicado secundário é marcador.

Assim, (12a) pode ser glosado por 'o João bebeu o vinho e o vinho não estava gelado', o que indica que a relação predicativa < João beber vinho > é validada - assumida como verdadeira - independentemente da relação entre C1 e predicado secundário.

Embora a consideração das restrições aspectuais que condicionam a ocorrência de predicados secundários ultrapasse os limites deste trabalho, convirá salientar que o facto de C1 ser um pré-construído na situação de enunciação que valida a ocorrência do predicado secundário encontra uma justificação ao nível da construção dos valores aspectuais, e da forma como é definida a relação entre o predicado primário e o predicado secundário.

Em (13), a determinação do elemento C1 não é o único factor que varia nos dois enunciados, a referência aspectual construída também é diferente, como se observa em (14):

- (13) a. #O João comeu bolos quentes.  
 b. O João comeu o bolo quente.  
 (14) a. O João comeu bolos durante meia hora.  
 b. \*O João comeu o bolo durante meia hora.

Verificamos que é a determinação de C1 que vai fazer com que a situação expressa pelo enunciado seja, em (13a), uma actividade e, em (13b), um evento prolongado (Vendler 1967).

Neste sentido, a determinação nominal desempenha um papel fundamental na construção da referência aspectual. Será em virtude dos valores referenciais construídos composicionalmente pelas categorias da determinação nominal e do aspecto que é definida a possibilidade / impossibilidade de ocorrência de predicados secundários.

### **Análise de alguns marcadores**

Retomando o que se disse atrás, a possibilidade de ocorrência de um predicado secundário implica a construção de uma determinação qualitativa (Qlt) de CI, de forma a assegurar a sua estabilidade enunciativa. Tal estabilidade é indispensável para que se possa efectuar sobre aquele termo uma predicação secundária.

Partindo deste pressuposto, a ocorrência de um predicado secundário será compatível com certos marcadores e excluirá a ocorrência de outros.

No contexto desta exposição, um marcador como, por exemplo, *um*, até ao momento identificado como marcador de uma operação de extracção, impossibilitaria a ocorrência de um predicado secundário. Contudo, tal restrição não adere aos factos.

### **Operações de natureza Quantitativa - interpretação restritiva do Adjectivo**

#### Extracção Qnt (Qlt)

Em português, à operação de extracção podem corresponder, entre outros, os marcadores: *um* (artigo indefinido singular / plural); *um*, *dois*, *três*, *n* (determinantes numerais);  $\emptyset$  (artigo zero); *alguns*:

- (15) a. #A Ana vestiu um casaco molhado.  
b. #A Joana comprou umas saias curtas para a filha.
- (16) a. #A Maria escreveu uma carta enorme para o namorado.  
b. #O João cortou três tomates congelados.
- (17) a. #O João comeu maçãs assadas.  
b. #A Rita bebeu chá quente.
- (18) #A Maria encontrou alguns livros baratos na feira.

Em (15), o artigo indefinido (*um / umas*) marca a extracção de uma ocorrência munida de propriedades situacionais específicas, representando uma ocorrência individuada que não tem outra característica distintiva senão o facto de ter sido singularizada.

Em (17), o artigo zero ( $\emptyset$ ) é marcador, tal como o artigo indefinido, da predicação de existência<sup>8</sup>, sendo a determinação Qnt construída como uma classe de ocorrências quantitativamente indeterminada. Do mesmo modo, *alguns*, em (18), marca a construção de um valor quantitativo indeterminado. A operação de extracção constrói uma classe de ocorrências extensionalmente distintas, mas sem qualquer propriedade diferencial.

Os numerais em (16) (*uma*, *três*) distinguem-se dos outros marcadores da operação de extracção porque representam um valor de quantificação especificado.

Neste caso, a operação de extracção pressupõe um percurso quantitativo. A quantificação de uma noção, por intermédio de um numeral implica a selecção de um valor

determinado relativamente ao domínio dos valores possíveis (*um* por oposição a *três*, *sete*, *n*).

Consequentemente, quando a operação de extracção constrói uma determinação numérica, não existe correspondência entre essa operação e a predicação de existência. De acordo com Valentim (1995: 98) "*um*, enquanto numeral, não marca, efectivamente a construção de existência; marca, isso sim, a sua especificação (numérica - diríamos)".

### **Operações de natureza Qualitativa - interpretação predicativa do Adjectivo**

#### Re-identificação (Qnt) Qlt

- (19) a. O João comeu a maçã assada.  
b. A Rita bebeu o chá quente.

Nos enunciados em (19), a preponderância de uma determinação qualitativa (Qnt) Qlt, marcada pelo artigo definido, permite a dissociação entre a situação de construção do termo nominal sobre o qual incide a predicação secundária, e a predicação de uma propriedade sobre esse termo na enunciação em curso.

A operação de re-identificação indica estabilidade referencial de C1, permitindo, portanto, a predicação secundária. Com efeito, é permitida a ocorrência de um predicado secundário sempre que o valor referencial de C1 denota uma qualificação, independentemente da forma como esse valor Qlt é construído. A preponderância de Qlt é garante de estabilidade existencial, na medida em que a existência de C1 não depende da relação entre C1 e o predicado secundário.

#### Equiponderância (Qnt) (Qlt) ou Qnt Qlt

- (20) O João comprou estas maçãs assadas.  
(21) Ele encontrou esse livro rasgado.

A operação de equiponderância combina a extracção (Qnt preponderante) e a re-identificação (Qlt preponderante). A notação Qnt Qlt constitui a representação metalinguística do seguinte esquema dinâmico: Qnt está activado porque é construída uma ocorrência da noção, indicando que alguma coisa surge para a existência intersubjectiva; Qlt está activado, na medida em que assegura que a ocorrência extraída não é uma ocorrência qualquer, mas é dotada de uma propriedade diferencial que a estabiliza como sendo *esta* ocorrência.

Neste sentido, esta operação de determinação é a indicada para representar a construção de referência deíctica. A deixis é construída quando, no lugar da operação de extracção, se introduz uma situação empírica, onde por ostensão a localização é feita de

forma directa em relação a Sit<sub>0</sub>. A proeminência de um valor qualitativo assegura as condições necessárias para a ocorrência de um predicado secundário.

Adjunto qualitativo (Qnt) Qlt.adj.

- (22) A Maria encontrou partidos alguns dos brinquedos que o filho tinha escondido.
- (23) O João encontrou bons professores desesperados.
- (24) O João considera um rapaz daqueles um génio.

Nos exemplos em (22)-(24) o argumento C1 satisfaz, uma vez mais, a exigência de um valor qualitativo preponderante, i.e., de uma especificação.

A representação metalinguística (Qnt) Qlt.adj. utiliza-se sempre que um adjunto qualitativo modifica um termo. Ao adjunto qualitativo não corresponde um marcador específico. Como se verifica nos exemplos apresentados, a notação Qlt.adj. aplica-se sempre que alguma forma de localização ocorre: em (22) uma relativa; em (23) o modificador *bons* especifica a noção; em (24) o demonstrativo *daqueles* implica uma partição do domínio da noção /rapaz/. Neste caso, é construída uma especificação qualitativa, baseada na diferenciação, que opõe *um rapaz daqueles* a outro tipo de *rapazes*.

Veja-se o contraste se se substituir o valor qualitativo por um valor quantitativo:

- (22') #A Maria encontrou alguns brinquedos partidos<sup>9</sup>.
- (23') #O João encontrou professores desesperados.
- (24') \*O João considera um rapaz um génio.

Diferenciação (Qnt) Qlt.dif.

- (25) a. O João comeu uma maçã assada.  
b. Os miúdos comeram três bolos quentes.
- (26) O João comeu umas maçãs assadas e outras cozidas.

Aparentemente o enunciado em (25a) parece idêntico ao enunciado em (11), contudo os valores referenciais construídos são distintos.

Em (11), a presença do símbolo # é indicador de uma interpretação restritiva para o adjectivo *assada*. Em (25a), a ausência desse mesmo símbolo significa que o adjectivo tem, neste enunciado, uma interpretação predicativa. A questão está em determinar o que possibilita esta interpretação.

Em (25a) *uma* não é marcador da operação de extracção, como acontece em (11), mas sim da operação de diferenciação. O valor referencial construído pela operação de determinação nominal neste enunciado pode ser tornado visível pelo recurso à glosa em (25a')



(25a') O João comeu uma das maçãs assada.

Em (25a), a preponderância de QIt deriva da especificidade qualitativa que distingue a ocorrência construída de outras ocorrências: o artigo indefinido marca a retoma, com categorização qualitativa, de uma ocorrência de um conjunto cuja existência foi previamente construída. Neste sentido, a sequência *uma maçã assada* terá como complementar linguístico as *maçãs não assadas*.

Do mesmo modo, (25b) terá de ser construído num contexto situacional que denote um estado de coisas que permita uma glosa do tipo 'os miúdos comeram três bolos quentes, os outros já estavam frios', de outra forma a interpretação preferencial é não predicativa.

Em (26), *umas* e *outras* marcam, explicitamente, a construção de um valor contrastivo baseado numa diferenciação materializada pelos predicados secundários *assadas* e *cozidas*. Esta relação diferenciada corresponde à construção do complementar linguístico.

A construção de significação envolve, por vezes, processos mais subtis de construção de uma ocorrência e do seu complementar linguístico. Consideremos os enunciados:

- (27) a. A Maria foi arrumar o quarto do irmão e encontrou alguns brinquedos partidos.  
 b. #A Maria foi arrumar o quarto da avó e encontrou alguns brinquedos partidos.

O símbolo # em (27b) indica que, intuitivamente, a interpretação preferencial para este enunciado é restritiva, ao contrário de (27a), cuja interpretação preferencial é predicativa. Contudo, a ambiguidade mantém-se para os dois enunciados, na medida em que a interpretação restritiva ou predicativa depende do valor referencial construído por *alguns*: extracção ou diferenciação, respectivamente.

Ao compararmos os enunciados em (27), verificamos que os únicos elementos que variam são *o irmão* e *a avó*. O que fará, então, com que *alguns* seja marcador de uma diferenciação, num caso, e de uma extracção, no outro? Para responder a esta questão deverá ter-se presente a ideia de que a construção de um domínio nocional subentende um grande número de operações da linguagem e actividade cognitiva geral: percepção, representação do espaço e tempo, construção de protótipos e estereótipos, reconhecimento de formas, atribuição de características a instâncias de objectos, nomeação, etc. (Culioli 1983: 69).

Neste sentido, o valor de *alguns* é determinado pela representação do domínio nocional associado a um *quarto de irmão* e a um *quarto de avó*. Apenas assim se explica que no caso do *quarto de irmão* os *brinquedos partidos* constituam o interior de um domínio cujo complementar linguístico será os *brinquedos inteiros*. Pelo contrário, em (27b) não existe uma operação de diferenciação, mas sim de extracção, pelo que não há construção do complementar linguístico.

Percurso liso (QNT) QLT

- (28) a. O João come as maçãs assadas.  
 b. Os chineses comem o peixe cru.  
 c. Todos os escritores escrevem os romances longos.

Em (28b), o artigo definido *o* é marcador de um valor que resulta de uma operação que consiste em percorrer todas as ocorrências da noção, de forma a construir uma ocorrência ideal que reúne todas as propriedades definitórias da noção. Localizada relativamente ao centro organizador do domínio nocional, todas as ocorrências da classe são identificadas à ocorrência tipo. Podemos dizer que se constrói, neste caso, a expressão da própria noção.

Nos restantes enunciados a pluralização do artigo definido deriva de uma operação de percurso com totalização, nessa medida *as maçãs* e *os romances* representam, na sua totalidade, a classe de todas as ocorrências associadas às noções /maçã/e /romance/, respectivamente.

Percurso rugoso QNT (QLT)

- (29) a. O João (só) come uma maçã assada.  
 b. Imagino uma criança alegre.

Nos enunciados em (29), o artigo indefinido marca a construção de uma ocorrência abstracta, qualitativamente indiferenciada das outras ocorrências, que representa a classe de ocorrências (i.e., pode ser qualquer ocorrência com a propriedade / ( ) ser maçã/ ou / ( ) ser criança/). Trata-se, portanto, de uma "extracção <<simbólica>> de um elemento, mas apenas enquanto representante de uma classe" (Bouscaren & Chuquet 1987: 161).

Os valores construídos pela operação de determinação nominal são, nos enunciados em (29), essencialmente qualitativos, reenviando à própria noção. No entanto, enquanto os valores referenciais construídos nos enunciados em (28) excluem qualquer forma de individuação, o percurso rugoso, em (29), mantém a singularidade das ocorrências, sem que haja verdadeira individuação, uma vez que não há localização situacional.

Embora o percurso implique a não localização (ou ruptura) em relação a Sit<sub>0</sub>, a genericidade elimina a ausência de estabilidade, pela centragem - homogeneização -, localizando as ocorrências construídas em relação ao domínio nocional. Constrói-se um valor essencialmente qualitativo, na medida em que as ocorrências abstractas são localizadas em relação à propriedade.

## Conclusão

A descrição das operações de determinação nominal permite verificar que uma frase ambígua, permitindo as interpretações restritiva ou predicativa do adjectivo, corresponde, de facto, a encadramentos de operações de determinação distintos. Neste sentido, a história da derivação do valor referencial construído, identificável no contexto intersubjectivo, permite decidir sem ambiguidade a interpretação do adjectivo.

A descrição e explicação formal de alguns marcadores linguísticos de determinação nominal, para além de evidenciar a não correspondência entre um marcador de operação e um valor, permitiu verificar, em contextos diferentes, a exigência de determinação qualitativa de CI, ou seja, a exigência de estabilidade referencial. Esta estabilidade é indispensável para que se possa efectuar sobre aquele termo uma predicação secundária.

Esta explicação dos factos permite ultrapassar o 'embaraço' causado pela habitual oposição entre definitude e indefinitude, uma vez que se baseia numa descrição formal e rigorosa da construção da referência e das suas implicações no contexto da construção de significação em geral.

Como consequência desta explicação do funcionamento da determinação nominal, é possível definir uma condição geral sobre as construções que envolvem predicados secundários: a necessária dissociação entre a situação de enunciação em que se constrói a existência dos termos que integram a relação predicativa e a situação de enunciação em que se valida a relação entre CI e o predicado secundário.

Embora não possamos desenvolver aqui esta questão, convirá salientar que o facto de CI ser um pré-construído na situação de enunciação que valida a ocorrência do predicado secundário encontra uma justificação ao nível da construção dos valores aspectuais, e da forma como é definida a relação entre o predicado primário e o predicado secundário.

## NOTAS:

\* Este trabalho retoma alguns aspectos do estudo desenvolvido no âmbito da Dissertação de Mestrado "Contributos para a abordagem da Predicação Secundária em Português", apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1997.

1 Em (1b) o símbolo # é usado para indicar que o adjectivo funciona como restritor (ou modificador) do nome e não como predicado. Uma vez que este trabalho se ocupa do adjectivo como predicado, será sempre essa a interpretação privilegiada em caso de ambiguidade.

2 A operação de localização corresponde à construção de uma relação binária entre um termo localizado e um termo localizador, por intermédio de um operador de localização abstracta simbolizado por  $\underline{\epsilon}$  (epsilon). Segundo Campos (1989: 44), "a enunciação constrói (a) uma relação predicativa, (b) um sistema de coordenadas enunciativas ou sistema referencial e (c) a localização da relação predicativa nesse sistema. O enunciado resulta de um conjunto de operações que pode ser representado pela expressão metalinguística (...)  $\langle \lambda \underline{\epsilon} \text{ Sit} \rangle$ ".

- 3 A cadeia de operações de quantificação-qualificação subjacente à construção de ocorrências de noções lexicalizadas na categoria Nome é bastante mais complexa. Nesta breve exemplificação estou a elidir operações de localização fulcrais no encadeamento de operações que Culioli designa como *esquema de individuação*. Veja-se, entre outros, Culioli (1989) e Campos (1996: 85).
- 4 A construção de ocorrências metalinguísticas é particularmente evidente nas relativas. Assim, em (i) o artigo definido marca uma primeira ocorrência linguística da noção /livro/, contudo, o seu valor de ocorrência especificada decorre de uma operação de re-identificação (ou retoma anafórica) a partir de *um livro*, que constitui a primeira ocorrência metalinguística da noção. Neste sentido, *o livro* constitui, com efeito, uma segunda ocorrência no que respeita à ordem metalinguística das operações de determinação, dado que o enunciado em (i) pressupõe a construção prévia de um enunciado como por exemplo (ii):
- (i) O livro que o João está a ler é muito interessante.  
 (ii) O João está a ler um livro.
- 5 Nos enunciados em (i)-(ii), a distinção entre o carácter quantitativo da relação de construção e o carácter qualitativo da relação de especificação é evidenciado pelos marcadores *um* e *o*, respectivamente:
- (i) Está um elefante no jardim.  
 (ii) O elefante está no jardim.
- Em (i), o termo localizado *elefante* apenas existe no contexto da relação que estabelece com o localizador, na qual é construída a sua existência. Em (ii), quer o termo localizado *elefante* quer o termo localizador *no jardim* são termos pré-construídos, cuja existência foi determinada independentemente da relação em que estão envolvidos.
- 6 Entendida nestes termos, a predicação secundária enquadra-se na definição do funcionamento predicativo em geral: o funcionamento predicativo é uma operação de natureza qualitativa que "implica a dissociação entre a construção da propriedade predicada e a do termo sobre o qual incide essa propriedade e que constitui o seu suporte de localização situacional" (Franckel & Lebaud 1991: 218). Isto é, uma vez construída a existência de uma determinada ocorrência - operação de quantificação -, para um espaço intersubjectivo determinado, a predicação de uma propriedade consiste na atribuição dessa propriedade à ocorrência situada, ou seja, opera-se uma qualificação sobre uma ocorrência cuja existência é pré-construída.
- 7 A validação da relação predicativa constitui uma operação de natureza enunciativa e é assumida na situação de locução, "o locutor (...) é responsável pelo acontecimento linguístico, assumindo-o com determinado valor modal" (Campos 1989: 46). Os enunciados em (i) são construídos, com o valor modal de asserção estrita, a partir da relação predicativa < o miúdo comer a sopa >. Em (ia) o valor da asserção estrita é positivo, correspondendo à validação da relação predicativa, enquanto em (ib) o valor da asserção estrita é negativo, correspondendo à não validação da relação predicativa.
- (i) a. O miúdo comeu a sopa.  
 b. O miúdo não comeu a sopa.
- 8 Os nominais discretos podem sofrer uma enumeração que lhes é própria, i.e., sem ter de recorrer a qualquer discretizador. Esta característica, que advém da formatação interna a que estão sujeitos, "obriga, para o português, a ocorrência de marcas de plural na sequência de um discreto determinado por  $\emptyset$ , numa predicação de existência" (Correia 1993: 107).
- 9 O símbolo # marca a leitura preferencialmente restritiva do enunciado, contudo, o adjectivo *partidos* poderia ter uma interpretação predicativa se *alguns* ocorresse num contexto enunciativo em que tivesse sido pré-construída uma classe de ocorrências a partir da qual se extrairiam ocorrências qualitativamente diferenciadas.

BIBLIOGRAFIA:

- BOUSCAREN, J. & J. CHUQUET, 1987, *Grammaire et textes anglais. Guide pour l'analyse linguistique*, Paris, Ophrys.
- CAMPOS, M. H. C, 1989, *Abordagem Enunciativa de um Subsistema do Sistema Modal do Português: os verbos **dever** e **poder***, Dissertação de Doutoramento, Universidade Nova de Lisboa.
- CAMPOS, M. H. C, 1996, Para uma reinterpretação de alguns fenómenos aspectuais in *Actas do Congresso Internacional sobre o Português II*, 77-93.
- CARBÓ, M. L. H, 1988, En torno a la sintaxis y la semântica de los complementos predicativos en español in M. L. Carbó et alii (eds.), *Estudi Generali* 8, 7-29.
- CORREIA, C, 1993, A determinação: quantificação e qualificação, *Actas do VIII Encontro da APL*, Lisboa, Colibri, 100-111.
- CULIOLI, A, 1983, A propos de *quelque* in S. Fisher & J.-J. Franckel (eds.), *Linguistique, énonciation. Aspects et détermination*, Paris, École des Hautes Études en Sciences Sociales, 21-29.
- CULIOLI, A, 1987, La linguistique: de l'empirique au formel in A. Culioli 1990, 9-46.
- CULIOLI, A, 1989, Representation, referential processes, and regulation. Language activity as form production and recognition in J. Montagero & A. Tryphon (eds.), *Language and Cognition*, Genève, Foundation Archives Jean Piaget, Cahier 10, 97-124; também em A. Culioli 1990, 177-213.
- CULIOLI, A, 1990, *Pour une linguistique de l'énonciation. Opérations et représentations*, Tome I, Paris, Ophrys.
- FRANCKEL, J.-J. & D. LEBAUD, 1991, *Les figures du sujet. A propos des verbes de perception, sentiment, connaissance*, Paris, Ophrys.
- MARRAFA, P, 1985, *A construção transitiva-predicativa em Português*, Lisboa, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.
- MARRAFA, P, 1993, *Predicação Secundária e Predicados Complexos em Português. Análise e Modelização*, Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa.
- PAILLARD, D, 1992, Réperage: construction et spécification in *La Théorie d'Antoine Culioli ouvertures et incidences*, Paris, Ophrys, 75-88.
- VALENTIM, H, 1995, *Predicação de Existência e Operações Enunciativas*, Dissertação de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa.
- VENDLER, Z, 1967, *Linguistics in philosophy*, Ithaca, New York, Cornell University Press.